

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA DE CORDEL: CAMINHOS DIDÁTICOS

Dennis Castanheira¹
Aline Menezes²

Resumo: Neste trabalho, temos como objetivo discutir as possibilidades de entrelaçamento entre a língua portuguesa e as suas literaturas por meio da variação linguística e da literatura de cordel sob uma perspectiva metodológica qualitativa bibliográfica e de pesquisa-ação. Para isso, retomaremos os estudos sobre variação e literatura de cordel e apresentaremos propostas de abordagem didática do tema em turmas do Ensino Fundamental. A partir dos nossos postulados, concluímos que tal relação é necessária, visto que contribui para uma análise dos efeitos de sentido do uso da variação linguística e para análise mais completa dos textos cordelísticos.

Palavras-chave: Variação linguística, literatura de cordel, entrelaçamento língua-literatura.

Introdução

Ao longo dos últimos anos, têm sido desenvolvidos diversos trabalhos acerca do ensino de língua portuguesa e de literaturas na educação básica. No entanto, o efetivo entrelaçamento de tais práticas na sala de aula ainda se apresenta como um desafio a ser enfrentado. Muitas vezes, as aulas de língua e literaturas são separadas e ministradas por docentes diferentes e, mesmo quando isso não ocorre, o currículo e os materiais didáticos tendem a colaborar para tal divisão.

Candido (1995) afirma que a literatura é um direito humano. Contudo, na prática, como apontam Dias, Andrade e Monteiro (2017), essa ainda é pouco presente nos programas escolares e na sala de aula. Embora algumas iniciativas recentes de iniciação à docência e de formação continuada estejam contribuindo para a modificação desse cenário, os professores que se mostram interessados em ampliar suas reflexões acerca do ensino de literaturas – sobretudo no que diz respeito às suas possibilidades de entrelaçamento com o ensino de língua – costumam se defrontar com alguns obstáculos. Dentre esses, destaca-se a baixa disponibilidade de trabalhos que não só reflitam sobre tal cruzamento, mas sobretudo proponham caminhos práticos para a sua concretização.

Por outro lado, no campo do ensino de língua portuguesa, temos observado uma expressiva quantidade de trabalhos reflexivos e propostas didáticas, elaborados a partir de diferentes caminhos teóricos e metodológicos. O ensino pautado no texto e a questão da gramática na sala de aula são alguns dos temas centrais nesse viés. Segundo Menezes, Barbalho e Castanheira (2023), no

1 Universidade Federal Fluminense, denniscastanheira@gmail.com

2 Colégio Pedro II, aline.menezes.1@cp2.edu.br

tratamento da língua na escola, é preciso associar abordagens e considerar as complexidades didático-pedagógicas a fim de que haja um ensino reflexivo.

Tendo isso em vista, neste artigo, visamos discutir, na esteira de Menezes e Castanheira (2022a; 2022b), as possibilidades de cruzamento entre o ensino da língua portuguesa e de suas literaturas na escola por meio de uma abordagem metodológica qualitativa bibliográfica e de pesquisa-ação. Para tanto, nosso recorte de entrelaçamento é a ligação entre a variação linguística e a literatura de cordel.

Para isso, após esta seção, apresentaremos os postulados teóricos essenciais para o nosso estudo em “Variação linguística e literatura de cordel”; em seguida, discutiremos a perspectiva metodológica e as propostas de abordagem didática para o tema; por fim, exporemos as considerações finais e as referências bibliográficas citadas ao longo do artigo.

Variação linguística e literatura de cordel

A variação linguística é objeto de estudo central das pesquisas linguísticas brasileiras há algumas décadas. Tais trabalhos têm sido responsáveis pelo mapeamento dos fenômenos variáveis e das suas motivações sociais (escolaridade, idade, região, gênero etc.), estruturais (tempo verbal, ordem da oração, decodificação do sujeito etc.) e discursivas (gênero textual, estatuto do referente etc.), o que tem desmistificado a ideia de que a língua portuguesa é um caos e indicado, pelo contrário, sua heterogeneidade ordenada. Assim, a variação ocorre de maneira natural e não deve ser vista como uma deturpação da língua, mas como um processo orgânico das línguas, que as caracterizam e as constituem.

Conforme fica evidente pela coletânea organizada por Martins e Abraçado (2015), existem características típicas do Português do Brasil, que podem ser observadas por meio do mapeamento e da comparação de diferentes fenômenos sintáticos e fonológicos já estudados por linguistas de diferentes regiões do país. Existem formas que são mais frequentes em determinadas regiões ou em algumas faixas etárias, e tal questão deve ser considerada não só na caracterização dos fenômenos variáveis, mas também no tratamento escolar dado a tais marcas linguísticas.

Essa relação tem sido explorada em investigações recentes, sobretudo no combate ao preconceito linguístico e na discussão da importância do tratamento de fenômenos variáveis na escola (cf. Vieira, 2017; Alves, 2019). Tais trabalhos indicam a emergência da relação entre gramática e variação na escola para que o estudante possa (re)conhecer os padrões linguísticos variáveis e as suas motivações no âmbito sonoro, morfológico, sintático, lexical e discursivo. Isso possibilita que, por meio da associação da metalinguagem com a pluralidade de normas e respectivos efeitos de sentido, haja uma descrição e um ensino mais plural da língua portuguesa no contexto escolar.

É válido ressaltar que, desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na segunda metade da década de 1990, a variação tem sido mais discutida na escola, mesmo que ainda de maneira assistemática. O seu tratamento muitas vezes é restrito ao âmbito lexical ou aos tipos de variação, sobretudo quando são focalizados os exames de vestibular, e não costuma estar presente no tratamento de outros temas, como, por exemplo, a colocação pronominal, a concordância verbal e nominal.

Tal ausência é, ao mesmo tempo, motivada e refletida pelos/nos livros didáticos. Por um lado, a variação linguística tem recebido progressivo espaço nesses materiais. Conforme Patriota (2020), ao longo das décadas, tais livros mudaram muito sua abordagem em relação ao tema, deixando a perspectiva excessivamente prescritivista e assumindo, de maneira gradual, um olhar mais centrado na variação e nos padrões reais de uso. Essa mudança é motivada por vários fatores, como a publicação dos documentos oficiais e a avaliação periódica do Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

Por outro lado, como aponta Lima (2014), esse olhar ainda tende a ser muito localizado. Nesse sentido, há capítulos específicos para o tratamento da variação como um tópico de estudo, mas nem sempre essa perspectiva é mantida em outros pontos do livro. Ou seja, a variação ainda parece ser vista como um tema de aula, não como uma perspectiva perene a ser discutida de maneira transversal nas aulas de língua portuguesa, sem que seja apenas uma aula (ou uma unidade) de variação ao longo de um ou vários anos letivos.

Assim, é possível afirmar que, mesmo com a necessidade de refinamentos, cada vez mais, é defendida uma perspectiva variacionista no ensino básico, já que as documentações oficiais, os materiais didáticos e as pesquisas linguísticas apontam progressivamente para esse caminho. A busca por uma prática que mapeie e discuta tais questões é essencial para que as preconizações dos documentos e o que já existe nos livros e nas pesquisas possam efetivamente ser desenvolvidos no chão do ensino básico.

É necessário, para tanto, adotar uma abordagem baseada no uso, isto é, centrada em exemplos reais, em textos efetivamente produzidos, em situações produzidas por participantes reais na interação. Essas estratégias podem ser executadas de diferentes formas, dentre as quais se destacam o trabalho com transcrições de entrevistas sociolinguísticas, memes, textos jornalísticos, vídeos, textos orais etc., o que possibilita uma visão ampla e diversificada dos fenômenos variáveis.

Um desafio que ainda existe, porém, é a sua relação com os estudos literários. Comumente, os trabalhos de pesquisa adotam ou um olhar linguístico ou um olhar literário, o que se explica por muitos motivos, já que é efetivamente desafiador unir discussões e embasamentos de ambos os campos, de modo que nem o texto literário se torne um mero pretexto para análise gramatical, nem a discussão

linguística vire coadjuvante à análise literária. Por isso, neste artigo, discutiremos a relação da variação linguística com a literatura, observando especificamente as possibilidades didáticas do tratamento do seu papel discursivo na construção dos textos de cordel.

Como defende Eckert (2012), a variação linguística pode ser um traço de expressão identitária ao manifestar as marcas típicas de um grupo social. Isso significa que tal fenômeno não pode ser analisado apenas como um aspecto quantitativo ou uma alternância motivada por fatores extralinguísticos já consagrados, mas também como uma evidência de marca discursivamente motivada de uma comunidade de fala. Os usos de formas em variação na literatura de cordel constituem, portanto, uma marca enunciativa, situacionalmente localizada pelas características do grupo social que a produz.

Segundo Melo (2010), a literatura de cordel é caracterizada por uma estrutura formal que apresenta o verso como unidade primeira e central da narrativa; pelo emprego da ironia como recurso dialógico e desqualificador – seja do “adversário” com quem o cordelista pelega, seja de algum interlocutor a quem se dirige criticamente, como, por exemplo, o governo –; pela performance como modo de apresentação narrativa; e, por fim, pelo emprego do pastiche a partir da recorrência de referências a certos textos, personagens, situações etc. De acordo com a autora, é possível afirmar, também, que o cordel é o gênero literário mais associado à imagem, visto que projeta, traduz, aponta, cria, apropria-se e reinventa imagens e imaginários, entrelaçando a poética do verso e da imagem.

Além disso, conforme Silva *et al.* (2010), a literatura de cordel é um patrimônio da cultura tradicional nordestina, com narrativas perpetuadas ao longo do tempo e que estão na memória da população. Seus costumes, sua fé, sua imaginação, sua ideologia e sua vivência são refletidas nos textos de cordel, que são considerados, metaforicamente, espaços de experiências coletivas. A linguagem na literatura de cordel, então, como tal, tem valor discursivo e interativo.

Sua inserção na sala de aula do ensino básico é de suma relevância em nosso contexto atual, visto que

(...) nas últimas décadas, no contexto da diversidade cultural caracterizada como uma das marcas de nossa identidade, assistimos a um crescente debate sobre possibilidades de leituras a serem trabalhadas pelos educadores junto aos seus alunos, impulsionando o olhar para obras legitimadas e não legitimadas. (...) Defender inclusões no sistema de leitura literária escolarizado não significa negligenciar os clássicos e seu papel essencial na formação de leitores. Pelo contrário, o esforço deve ser no sentido de propor metodologias que aproximem o leitor em formação de obras literárias consideradas fundamentais (mesmo que não exista consenso acerca da definição de cânones). (PASCOLATI; PLATZER, 2019, p. 2).

Assim, é preciso associar obras que estejam à margem da tradição, dos clássicos, do cânone aos títulos já consagrados, a fim de que haja um inventário

amplo de leituras a serem trabalhadas na escola. Isso faz com que os estudantes possam conhecer os textos tipicamente explorados, mas também tenham a possibilidade de outras vivências, o que é essencial para sua formação leitora.

A literatura de cordel é essencial para que isso seja feito, já que possibilita, dentre outros pontos, a ampliação da visão dos estudantes que não a conheçam. Silva *et al.* (2010) defendem que a inserção do cordel na escola possibilita o tratamento da gramática sob um enfoque discursivo, a discussão de temas transversais, o trabalho com gêneros orais, a leitura de imagens, o desenvolvimento do raciocínio, a exposição de textos populares e poéticos, o desenvolvimento do raciocínio e a formação de leitores críticos.

Para entrelaçar as discussões sobre variação linguística e literatura de cordel, é necessário inserir a leitura literária em um processo coletivo de reflexão e considerá-la como uma unidade textual. Isso envolve mapear os efeitos de sentido produzidos pelos elementos linguísticos e pelas suas combinações em textos literários reais escritos/falados em diversos contextos enunciativos. Assim, a análise do papel da língua na construção literária é central, já que atua na tessitura textual e na coerência discursiva. É, então, principalmente a partir da percepção e do entendimento de mecanismos linguísticos específicos que o caráter artístico de um texto literário se revela para o estudante, instrumentalizando-o, inclusive, para a produção de textos artísticos autorais.

Tal debate pode ser relacionado, ainda, às práticas de linguagem. Defendidas por Geraldi (1984) e (re)discutidas por diversos autores (cf. SANTOS; CUBA RICHE; TEIXEIRA, 2012; KÖCHE; MARINELLO, 2015; SANTOS; LEBLER, 2021) e também pelas documentações oficiais, essas práticas podem ser assim definidas: (a) leitura – compreensão efetiva dos sentidos do texto a partir do levantamento de hipóteses, do adentramento crítico ao material textual e da compreensão do papel do contexto; (b) análise linguística – observação e análise das marcas linguísticas a partir do seu papel no texto e das suas propriedades formais; (c) produção textual – produção consciente de textos (orais ou escritos) em situações comunicativas ligadas a contextos reais de uso.

Ao trazermos essa discussão para a esfera mais prática, podemos verificar a produtividade do entrelaçamento do ensino de língua portuguesa e de literaturas na abordagem, por exemplo, da literatura de cordel em turmas do ensino básico (cf. Alves, 2008; Silva *et al.*, 2010). Preconizado pela BNCC, o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula não apenas amplia o horizonte cultural dos estudantes ao colocá-los em contato com um importante elemento de nosso patrimônio linguístico e literário, como também proporciona o conhecimento e a compreensão de uma série de elementos linguísticos que compõem esse gênero textual (Brasil, 2017).

Caminhos didáticos

Neste trabalho, seguimos a proposta de Menezes e Castanheira (2022a; 2022b) de entrelaçar os estudos da língua portuguesa e das suas literaturas por meio de uma abordagem qualitativa bibliográfica, com a retomada de estudos anteriores sobre o tema, e de pesquisa-ação, com propostas didáticas. Segundo os autores, essa ligação pode ser feita por meio de diferentes fenômenos que tenham papel discursivo na tessitura literária dos textos: é possível, por exemplo, investigar o papel que a transitividade verbal exerce na estrutura narrativa de romances policiais, ou, ainda, os efeitos de sentido expressos pelo emprego de adjuntos adnominais e adverbiais na obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

Inicialmente é preciso dizer que há diversos trabalhos já desenvolvidos sobre literatura de cordel e ensino, sobretudo com um olhar voltado exclusivamente para o âmbito literário. Nessas iniciativas, diferentes atividades são propostas, dentre as quais se destacam discussão de xilogravuras, organização de rodas de leitura e feiras literárias e produções de textos cordelísticos (cf. Ferreira, 2015; Caldas, 2017; Silva Neto, 2018; Matos, 2019, dentre outros).

Neste capítulo, contudo, focalizaremos como o trabalho em sala de aula com o cordel pode se relacionar com a variação linguística. Para isso, por meio da metodologia de pesquisa-ação, discutiremos alguns caminhos pedagógicos que podem ser seguidos por docentes do Ensino Fundamental II. É preciso destacar, ainda, que o professor deve compatibilizar suas propostas com o programa da escola onde trabalha e, por isso, as ideias aqui apresentadas podem ser aplicadas em diferentes séries desse segmento.

Trabalhar a variação linguística na literatura de cordel envolve, indubitavelmente, considerar o papel dos elementos gramaticais no texto de maneira contextualizada e discursiva e, por isso, enquadra-se na denominada prática de análise linguística. Essa, quando aplicada ao trabalho com o cordel na educação básica, perpassa diferentes âmbitos, destacando-se o fonético/fonológico, o semântico e – de forma transversal – o da variação linguística. No que se refere ao âmbito fonético/fonológico, a origem desse gênero textual, ligado à tradição oral e popular, faz dele um terreno fértil para a identificação de elementos linguísticos responsáveis pela construção da musicalidade, bem como para discussões relacionadas à variação diamésica e à variação diatópica.

Conforme Castanheira e Sebastião (2022, p. 73), a oralidade tem sido bastante explorada em trabalhos variacionistas e à luz da Análise da Conversação, o que possibilitou “elucidações relevantes sobre aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos”. Para incrementar o entrelaçamento entre variação linguística e literatura de cordel em sala de aula, é preciso, portanto, evidenciar a tradição das narrativas oralmente transmitidas à qual o discurso cordelístico se filia. Isso porque, ainda que possamos entrar em contato com a literatura de cordel apenas por meio de sua manifestação como texto escrito, trata-se de um gênero

textual que alcança maior potência a partir do emprego da voz e do gesto, que, juntos, constroem a performance do cordelista.

Nesse sentido, é importante garantir aos estudantes o acesso a cordéis em sua dimensão oral, o que pode ser feito a partir de leituras realizadas em voz alta na sala de aula ou por meio da exibição de vídeos/áudios – disponíveis na internet em plataformas como o *YouTube* – que apresentem cordelistas declamando seus textos. Esse pode ser um momento propício para que o docente inicie discussões acerca do sotaque, vinculando-o ao âmbito da variação diatópica e destacando seu papel como elemento identitário, ou seja, como traço distintivo de determinado grupo social – afinal, trata-se de um gênero textual muito ligado à tradição cultural sobretudo da região nordeste do país.

O trabalho com a variação diatópica na literatura de cordel, evidentemente, não se restringe a questões fonológicas, mas abarca, também, diferenças lexicais e/ou sintáticas, que contribuem para a percepção dos estudantes de que a língua varia de região para região. Sem que o texto cordelístico vire mero pretexto para a transmissão de conceitos vinculados à variação geográfica, é interessante que os estudantes observem o quanto esses traços linguísticos contribuem para a identificação da literatura de cordel como manifestação ligada à “arte regional” (e, muitas vezes, a uma “arte popular” ou “menor”), relacionando esse fato, inclusive, a uma problematização acerca de estereótipos e preconceito linguístico.

Segundo Afrânio Coutinho (1964, p. 202), “num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo”. Nesse sentido, a literatura de cordel é uma manifestação artística diretamente relacionada a uma determinada região do Brasil não apenas por incorporar signos que lhe garantem a chamada “cor local”, mas sobretudo por ser decorrente “das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra” (COUTINHO, 1964, p. 202), inclusive no que diz respeito ao uso da língua. Dessa forma, o estudo da variação na literatura de cordel possibilita a análise discursiva da identidade sociolinguística dos produtores desses textos, tornando possível trabalhar não apenas as ocorrências variáveis, mas a sua função indexical, em prol de uma análise ampla e multifacetada dessa literatura.

O contato com a literatura de cordel em sua manifestação oral também propicia o estudo de uma de suas principais características: a musicalidade. Apoiando-se em sua proximidade com outros gêneros textuais talvez mais familiares aos estudantes – como o poema e a letra de música –, é possível explorar, no texto cordelístico, recursos como a rima, a construção de ritmo a partir de um número fixo de sílabas métricas e da distribuição de sílabas tônicas e átonas nos versos, e o emprego de certas figuras de linguagem, como a aliteração e a assonância.

Além disso, a compreensão do gênero textual literatura de cordel também envolve a observação de elementos ligados à variação diamésica. A natureza híbrida do texto cordelístico, que dialoga tanto com a modalidade escrita quanto oral da língua portuguesa, oferece um contexto privilegiado para a observação das particularidades da oralidade e da escrita. É interessante que o estudante perceba, por exemplo, que há um esforço consciente por parte dos autores de cordel em promover uma aproximação entre essas duas modalidades, podendo, assim, reconhecer quais são os efeitos de sentido decorrentes do emprego desse procedimento.

No campo semântico da análise linguística, por sua vez, o estudo da literatura de cordel possibilita diferenciações entre a linguagem denotativa e a linguagem conotativa. Isso porque, assim como ocorre em outros gêneros textuais pertencentes ao âmbito artístico, a construção dos sentidos dos textos cordelísticos demanda dos estudantes a habilidade de distinguir a linguagem literal da figurada, sendo capazes, por exemplo, de identificar e decodificar metáforas. No caso do trabalho com cordéis que apresentem estruturas satíricas – bastante comuns nesse gênero textual –, também podem ser explorados recursos como a ironia e a ambiguidade, além de outros procedimentos responsáveis pela produção de humor.

Esse passo é de grande relevância, pois o contato do estudante com o texto literário implica a percepção de que, diferentemente do que ocorre nos textos não literários, nos quais a clareza e a objetividade na transmissão das informações costumam ser priorizadas, nos textos artísticos, é comum encontrarmos um arranjo diferenciado dos elementos linguísticos, que proporcionarão ao leitor/ouvinte um certo estranhamento típico da fruição estética. Dessa forma, o reconhecimento e o estudo de recursos responsáveis por conferir essa literariedade instrumentalizam os discentes de modo a torná-los não apenas leitores competentes, mas potenciais produtores de textos artísticos.

Por fim, além dos aspectos referentes à variação diatópica e à variação diamésica, a variação diastrática também pode ser identificada como um elemento estruturante do texto cordelístico, sobretudo no que diz respeito à caracterização das personagens, quando elas existem. É interessante, por exemplo, que o estudante perceba o quanto a fala de uma determinada personagem pode proporcionar a identificação de elementos ligados à classe social a que ela pertence, a seu nível de escolaridade, ao grupo etário em que se encaixa etc. Assim como no trabalho com a variação diatópica, é importante que essa discussão não esteja desvinculada de reflexões sobre preconceito linguístico.

Para que esses caminhos didáticos sejam ilustrados de forma mais prática, sugerimos a leitura do cordel abaixo, de Josenir Amorim Alves de Lacerda (1995), intitulado “Dona Chica”:

Esse fato se passou
Com dona Chica Ferreira
Que mora no pé da serra
No sítio Tamarineira
E nunca vem na cidade
Pois sua grande vaidade
É gostar de ser roceira

Mas ficando adoentada
Resolveu se receitar
Estava mesmo enfadada
Já gemia sem parar
Pegou o misto da feira
Nele seguiu bem ligeira
A fim de se consultar

Me conte, disse o doutor:
Qual é a sua mazela
Dona Chica assim falou:
– É um ardô na guela
Uma imbruição no bucho
O istambo dando repuxo
E um bolo nas custela

– Ainda onteonte eu comi
Um pirãozinho de costela
Baião de dois com piqui
E uma farofa amarela
Um taquim de rapadura
Só se foi essa mistura
Que causou mazela

– Descobri o seu problema
Não precisa assombração
Tá resolvido o dilema
É uma forte indigestão
Entenda por caridade
Você não tem mais idade
Pra comer osso e pirão

Os remédios escolhidos
Receitou com precisão:
– Tome esses comprimidos
Logo após a refeição
Você vai ficar curada
E seguir com atenção

Enfadada, mas sem tédio
Chegou em casa, almoçou
E pegando o tal remédio
Dois comprimidos tomou
Mas o bicho sendo enorme
De tamanho desconforme
Na guela não passou

Danou-se a ferver na boca
Dona Chica a sufocar

Esperneava feito louca
Não podia nem falar
Pelo nariz espumava
A garganta se fechava
Só faltava desmaiar

Tão logo recuperou-se
Do triste acontecimento
Dona Chica levantou-se
E ali naquele momento
Gritou alto, esbravejou
Fez até um juramento

E jurou bem na verdade
Depois que passou o mal
– Nunca mais vou na cidade
Te disconjuro animal
O seu remédio moderno
Vá seu doutor pro inferno
Cum seu tal Sonrisal!

O cordel “Dona Chica”, de Josenir Amorim, é um texto que costuma encontrar boa recepção entre os estudantes do Ensino Fundamental II por sua temática cotidiana e bem-humorada. Antes de prosseguir para a análise linguística, o docente deve realizar a leitura do cordel junto à turma, auxiliando-a na construção do sentido mais amplo do texto. É importante que os estudantes percebam, por exemplo, que seu humor decorre principalmente de um mal-entendido: à Dona Chica é prescrito um medicamento que, por ser efervescente, deve ser dissolvido em água, mas a personagem entende que deve engoli-lo como um comprimido.

A leitura em voz alta facilitará, também, a percepção da musicalidade do texto. Nesse momento, o docente pode realizar a investigação e a sistematização de elementos que contribuem para a construção dessa musicalidade, como a presença de rimas e o emprego de um número fixo de sílabas métricas – no caso do cordel “Dona Chica”, redondilhas maiores, ou seja, versos de sete sílabas métricas. A escansão dos versos permite um bom trabalho com a língua em sua dimensão oral, visto que leva em consideração não o modo como as palavras são escritas, mas como são ditas, o que abre espaço para a ocorrência de fenômenos fonológicos como a crase e a elisão.

Ao promover o contato com o texto escrito, o docente deve explorar o estranhamento decorrente da grafia de expressões como “guela”, “ardô”, “taquim” etc. É interessante que o trabalho não se restrinja à constatação de que tais palavras configuram desvios quanto às convenções ortográficas, incentivando os estudantes a investigarem os processos subjacentes – e sistemáticos – que promovem, por exemplo, a transformação de “ardor” em “ardô” (elisão do /R/ no final das palavras), “taquinho” em “taquim” (redução da sílaba final de determinadas palavras) e “goela” em “guela” (alteamento do [o] em [u] em sílabas pretônicas).

Mais do que uma análise estrutural, é importante que sejam explorados os efeitos de sentido decorrentes de tal procedimento, como a aproximação entre escrita e oralidade (trabalho com a variação diamésica). Tal aproximação expressa uma espontaneidade bem-vinda à construção de verossimilhança na narrativa – além de servir, em alguns casos, como recurso que contribui para a musicalidade. Além disso, construções como “bucho” e “taquim” têm função indexical na medida em que não apenas auxiliam a identificação da dona Chica como uma personagem “roceira” (trabalho com a variação diatópica), como também reforçam a distinção sociolinguística entre ela e o doutor (trabalho com a variação diastrática).

A partir desse exemplo, é possível observar que o ensino pode entrelaçar língua e literatura a partir de uma visão ampla, mas bem delimitada. Assim, é preciso considerar o protagonismo do texto literário e o respeito às suas especificidades, mas também observar o papel dos elementos linguísticos na construção do texto em prol dos efeitos de sentido pretendidos. Com isso, será possível efetuar um entrelaçamento entre tais perspectivas e ampliar as reflexões sobre um ensino integrado.

A sistematização e a ampliação desse debate estão no Quadro 1:

Quadro 1: Variação e literatura de cordel na escola

O que trabalhar?	Como trabalhar?	Quais textos usar?
Variação linguística na literatura de cordel.	Ler os textos de cordel. Trabalhar a construção dos sentidos e a literariedade de maneira entrelaçada. Sistematizar a caracterização do texto cordelístico. Identificar os casos de variação linguística. Relacionar as características do cordel à variação. Discutir o papel da variação para construção discursiva do texto.	“Cante lá que eu canto cá”, de Patativa do Assaré. “Dona Chica”, de Josenir Amorim Alves de Lacerda. “Redes sociais”, de Bráulio Bessa. “Saias no cordel”, de Dalinha Catunda. “O Pequeno Príncipe em cordel”, de Josué Limeira

Fonte: elaboração nossa

Considerações finais

Este trabalho teve como foco central discutir estratégias para o ensino na interface língua e literatura, por meio da variação linguística e da literatura de cordel. Para isso, retomamos trabalhos já desenvolvidos que embasaram nosso

referencial teórico e nossa revisão bibliográfica, dentre os quais Melo (2010), Silva et al. (2010), Vieira (2017) e Menezes, Barbalho e Castanheira (2023).

Com essas reflexões, percebemos que esse tema é bastante produtivo e pode ser aplicado de distintas maneiras a depender do contexto pedagógico de cada instituição e de cada grupo. Além disso, constatamos que a variação é um tema que não pode ser restrito às aulas introdutórias de língua portuguesa do sexto ano do Ensino Fundamental II ou da primeira série do Ensino Médio, mas que deve ser vista como um tema perene a ser tratado da maneira constante, inclusive em aulas que focalizam o texto literário.

Por fim, também defendemos que é preciso haver mais iniciativas que estabeleçam a intersecção entre esses dois campos do conhecimento e que, para tanto, utilizem diferentes fenômenos gramaticais e textuais atrelados à análise do texto literário, o que deve englobar textos muitas vezes pouco explorados (literatura infantil e juvenil, literatura indígena, literatura afrobrasileira etc.) (cf. Duarte, 2015; Dorrico; Daner; Daner, 2020; Castanheira, 2023). Para tanto, outras perspectivas precisam ser sistematizadas e discutidas por docentes e pesquisadores interessados a fim de que haja mais trabalhos que contribuam para esse produtivo diálogo, como ilustrado em Menezes e Castanheira (2022a e 2022b).

Referências

ALVES, B. B. **Varição linguística, preconceito linguístico e bullying em uma escola estadual no município de Sinop** – MT. 2019. 82 p. Mestrado Profissional em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. 2019.

ALVES, R. M. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. In: II Fórum Identidades e Alteridades, 2008, Itabaiana. **Anais do II Fórum Identidades e Alteridades: práticas e discursos em múltiplos espaços**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

CALDAS, C. F. G. **A Literatura em festivais escolares: o folheto de cordel na escola**. Mestrado Profissional em Letras. 2017. 129 p. Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2017.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTANHEIRA, D. "Que história é essa?": leitura e literatura infantil no ensino. In: SPAZIANI, L.; CAMARGO, P. G.; POZZA, R. H. F. F. (Org.). **Faces da leitura e da escrita – teorias & práticas**. São Paulo: Editora Na Raíz, 2023, v. 4, p. 29-46.

CASTANHEIRA, D.; SEBASTIÃO, I. Oralidade e ensino de língua materna no Brasil e em Portugal: breve panorama. **Pensares em revista**, v. 26, p. 69-86, 2022.

COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.

DIAS, A. C.; ANDRADE, F.; MONTEIRO, L. Encruzilhadas da literatura na escola. **Traduzir-se**, v. 3, p. 1-14, 2017.

DORICO, J.; DANNER, F.; DANNER, L. **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo.** (Orgs.) Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

DUARTE, E. A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, v. 81, p. 19-43, 2015.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

FERREIRA, J. F. F. **Leitura de poesia e cordel na escola: uma proposta pedagógica para a experiência da literatura como humanização, memória e pertencimento.** 2015. 142 p. Mestrado Profissional em Letras. Universidade do Estado da Bahia. 2015.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2011 [1984].

KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. **Gêneros textuais: práticas de leitura, escrita e análise linguística.** Petrópolis: Vozes, 2015.

LACERDA, J. A. A. **Dona Chica.** Academia dos Cordelistas de Crato, 1995.

LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, Marco A.; TAVARES, M. A.; VIEIRA, S. R. (Org.). **Ensino de Português e Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014, p. 115-132.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

MATOS, C. A. C. M. **O personagem Lampião na literatura de cordel: um caminho para o letramento literário.** 2019. 90 p. Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal do Sergipe. 2019.

MELO, R. A. Artes do cordel: linguagem, poética e estética no contemporâneo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 1, p. 93-102, 2010.

MENEZES, A.; BARBALHO, C.; CASTANHEIRA, D. Ensino de gramática: desafios e perspectivas de trabalho. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, v. 4, p. 25-41, 2023.

MENEZES, A.; CASTANHEIRA, D. O romance policial e a transitividade verbal na educação básica: proposta didática. **Revista Farol**, v.2, n. 1, p. 71-77, 2022a.

MENEZES, A.; CASTANHEIRA, D. Os efeitos expressivos gerados pelo emprego de adjuntos na obra "Vidas secas": uma proposta de entrelaçamento do ensino de língua portuguesa e de literaturas. **Revista Philologus**, v. 28, p. 179-194, 2022b.

PASCOLATI, S.; PLATZER, M. B. Cânone e escola: disputas de poder. **Terra Roxa**, v. 37, p. 1-2, 2019.

PATRIOTA, L. M. Percurso histórico da variação linguística em livros didáticos de português: do século XX ao XXI. **Leia escola**, v. 21, p. 234-247, 2021.

SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, R.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, L. W.; LEBLER, C. Texto, gramática e ensino: o conceito de análise linguística/ semiótica. In: WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. R. (Org.). **Texto e Gramática**: novos contextos, novas práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 45-76.

SILVA, S. P. et al. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. **Raído**, v. 4, p. 303-322, 2010.

SILVA NETO, F. **A formação do leitor literário no 9º ano do Ensino Fundamental**: uma proposta de leitura intertextual a partir do cordel e do auto da compadecida. 2018. 78 p. Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal de Campina Grande. 2018.